

Jornal O Nacional e Bairro Leonardo Ilha: As Relações Translingüísticas na Produção de Sentido

Roberto José Ramos ¹
Bibiana de Paula Friderichs ²

RESUMO

O presente ensaio é um estudo semiológico que tem como objeto de investigação a produção de sentido verbal e não-verbal de uma notícia, ilustrada com foto, publicada no Jornal O Nacional em Passo Fundo/RS sobre a comunidade de moradores do bairro Leonardo Ilha, localizado na zona urbana da mesma cidade. O teórico norteador da pesquisa é Roland Barthes, por intermédio de cinco categorias: Discurso (Pirâmides Normal, Invertida e Mista e Estereótipo); Fotografia (*Studium* e *Punctum*); Mito; Poder e Socioleto (Encrático e Acrático). Através das reflexões deste autor, o trabalho busca estabelecer relações entre o lingüístico e o translingüístico no acontecimento registrado. O método utilizado é a Dialética Histórico-Estrutural (DHE), que compatibiliza os princípios de movimento próprio da Dialética, e a invariância, própria do Estruturalismo, explicando a idéia de realidade, através de elementos formais e históricos, pertinentes à escolha do objeto e dos objetivos do ensaio.

Palavras-chave: Jornalismo. Produção de sentido. Roland Barthes.

ABSTRACT

The present essay is a semiological study which has as an investigation object the production of sense of verbal and non-verbal of a news, illustrated by photo, published in the newspaper O Nacional, in Passo Fundo/RS about the community of inhabitants of the Leonardo Ilha district, located in the urban zone of the same city. The principal theoretician of the research is Roland Barthes, by the intermediary of 5 categories:

Speech (Normal, Inverted and Mixed Pyramids and Stereotypy); Photograph (*Studium* and *Punctum*); Mith; Power and Socioleto (“encrático” and “acrático”). The used method is the Historical-Structural Dialectic (HSD), that makes compatible the principles of movement, proper of the Dialectic, and the invariably, proper of the Structuralism, explaining the idea of reality through formal and historical elements, pertinent to the choice of the object and the objectives of the assay.

Keywords: Journalism. Production of sense. Roland Barthes.

INTRODUÇÃO

Não é a primeira vez que nos deparamos com o processo de produção de sentido desencadeado pelo cotidiano dos moradores do bairro Leonardo Ilha. Essa é uma reflexão que começa ainda em 2003, quando envolvidos com os pressupostos imbricados nas modalidades alternativas de comunicação e dispostos a estudá-los, propusemos à comunidade um projeto de investigação-ação.

Nosso objetivo inicial era compreender se a fotografia poderia ser utilizada como veículo de comunicação popular. Entretanto, diante do *referente* fotografado, percebemos as limitações desta reflexão, uma vez que não nos propusemos a pensar primeiro como essa comunidade percebe e fala sobre seu cotidiano, através de textos fotográficos, ou mesmo, como transforma suas ações e as capacidades emergentes em recursos simbólicos.

¹ Dr. em Educação, professor da FAMECOS PUC/RS, graduação e pós-graduação. Obras publicadas: Futebol: Ideologia do Poder. Grã-finos na Globo, Manipulação e Controle da Opinião Pública. A máquina Capitalista, Mídia, Textos e Contextos (org.) e A ideologia da Escolinha do Professor Raimundo. E-mail: rr@pucrs.br

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC/RS e professora do curso de Jornalismo e Publicidade da Universidade de Passo Fundo. E-mail: bibiana@upf.br

Além disso, outro aspecto emergia desse contexto e nos inquietava: porque esses textos não eram veiculados pela Mídia? E se eram, de que forma a mídia reconhecia e se apropriava desses sentidos produzidos?

Foram essas inquietações que nos levaram a Barthes e suas categorias de análise, assim como a DHE. Mais do que isso, foram essas inquietações que nos levaram até os jornais diários que dedicam parte de suas páginas a notícias relacionadas ao dia-a-dia da população passofundense e, em especial, à vida cotidiana dos moradores do Leonardo Ilha.

Este artigo é, portanto, apenas mais uma etapa imbricada na construção de uma reflexão profunda sobre o processo de produção de sentido. E para que possamos compreender o caminho percorrido nessa etapa, tivemos de recapitular nossa fundamentação teórica. Em seguida propomos uma contextualização do espaço e do veículo em questão. E, por fim, baseando-nos nesses apontamentos, fizemos uma análise verbal e não-verbal da notícia publicada no dia 19 de dezembro de 2003, no Jornal O Nacional, impresso diário que circula no mesmo município, onde o bairro está localizado.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo será sustentado, teoricamente, pelas categorias Discurso, com as subcategorias Pirâmides Normal, Invertida e Mista e Estereótipo; Fotografia, com as subcategorias Studium, Punctum; Mito; Poder e Socioleto, subdividido em Encrático e Acrático, de Barthes.

Barthes (1994) categoriza o Discurso, com a reivindicação do resgate etimológico. Ele anota, com zelo, “*dis-cursus* é, originalmente, a ação de correr para todo o lado, são idas e vindas, ‘démarches’, intrigas”. Possui um sentido de movimento.

A anotação contempla a dimensão dinâmica, em sua peregrinação histórica, através da combinação dos signos. É a relação da imutabilidade do Código com as mutações da Fala, tecida, ludicamente, tal qual o jogo de dominó.

O semiólogo (2003, p. 279), ainda, observa o Discurso, em um sentido moderno, como uma “divagação, uma excursão”. Resgata o sentido de Mallarmé, enfatizando que toda divagação possui dois sentidos: revela e encobre.

A categorização barthesiana carrega duas articulações. Estabelece o sentido lingüístico da discursividade na concretude dos signos, mas vai além. Abraça o translingüístico em sua dimensão sociohistórica. O Discurso é um jogo dialético dos signos.

No Discurso jornalístico, três estruturas são básicas, de acordo com Genro Filho (1988). São as Pirâmides Normal, organizada em ordem cronológica; a Invertida, com um Lide, como essência informativa,

fixando a ordem decrescente. A Mista é uma derivação de ambas. Apresenta um Lide, tal qual a Invertida, mas, depois, tem a ordem cronológica, conforme a Mista.

Um dos engendramentos discursivos é o Estereótipo. Barthes (1978) concebe-o como uma classificação mecânica, absolutizada. Pronuncia-se, como um rótulo, que transmite uma idéia fixa, preestabelecida, que, em geral, carrega preconceitos.

Barthes (1984) vê Fotografia como a teatralização do real. Concebe o Studium como os seus aspectos técnicos, ou seja, a sua dimensão objetiva, de caráter denotativo. Já o Punctum é a interpelação emocional, o subjetivo, a conotação, onde o imagético abraça o receptor.

A discursividade, em seus significantes verbais e não-verbais, está conectada com o Poder. Barthes (1977, p.10-12) caracteriza-o como “a Libido ‘dominandi’”. Está relacionado com a história inteira do homem e não somente com a história política. É um “parasita do organismo transsocial”, que se pronuncia na expressão obrigatória da Linguagem: “a Língua”.

O semiólogo propõe um elo interdisciplinar com a Psicanálise, criada por Freud em 1895. Sintoniza o Poder com a categoria Libido, em seu desenho biológico, em suas diferentes fases, constituintes do Inconsciente.

A Libido tem recebido plurais interpretações. Alguns a simplificam, tornando-a um mero e reducionista sinônimo de prazer sexual. Outros conseguem descortiná-la, com mais horizonte, como energia prazerosa em suas multifacetadas versões.

O Poder, como Libido dominante, é a energia prazerosa, própria do Princípio de Eros, que concede sentido ao viver humano. Possui várias manifestações, uma das quais é a sexualidade. O seu perfil biológico, de face inata, fixa toda a sua condição de atemporalidade.

Ainda que invariante, a Libido particulariza-se em diversas fases. Passa pela oral, anal e fática, especificadas, etariamente, na primeira infância. Tal qual ocorre, em seu sincretismo, com o Poder, que é imutável no curso histórico, porém se singulariza em cada conjuntura histórica.

Barthes recicla a noção weberiana de Poder, como dominação. O homem é indissociável da energia prazerosa, que lhe impõe, dialeticamente, a simbiose liberdade/submissão. Eis a concepção althusseriana de sujeito, presente no intertexto. Além de sua realização biológica, é, também, uma realidade cultural. Está instalado na Linguagem nos escaninhos da Língua, como instituição social, que se reproduz transsocialmente.

Observamos que o Poder é concebido no tempo e no espaço, considerando a sua supratemporalidade e a sua supra-espacialidade. É o invariante da história, que se reproduz nas variações, manifestas em cada conjuntura histórica.

No horizonte barthesiano, o Mito é uma forma

de fala, que explora a conotação. Não nega a factualidade histórica, apenas a torna ingênua. A sua função é a naturalização e a eternização da sociedade burguesa. O Sistema de Significação - Significante, Significado e Signo - redesenha-se na produção mítica. Ao transcender o perímetro da denotação, engendrando a conotação - o sentido - , torna-se Significante desta.

A obra *Mitologias* é angulada pela crítica ideológica. O seu intertexto comporta as presenças de Hjelmslev, pela conotação, de Durkheim, pelo Mito, como representação coletiva, e de Marx, pela Ideologia, em seu sentido napoleônico, como distorção.

Tal ecumenismo teórico não é uma fisionomia do despropósito, como possa conceber o embriagado pela aguardente das aparências. A reunião de Hjelmslev, Durkheim e Marx está alinhavada pelos laços sazonais da interdisciplinaridade do estudo do Mito.

No curso das páginas de *Mitologias*, há a construção de uma ambivalência. Ocorre a sobreposição das categorias Mito e Ideologia. Ambas são gêmeas. Respiram o oxigênio da conotação e encenam a legitimação da sociedade burguesa.

A própria configuração do Mito corresponde à ideologização. Contempla o lingüístico e o translingüístico, estabelecendo a deformação de sentido. Transpira, aí, o conceito particular de Ideologia, resgatado em Marx.

Assim, o Mito e a Ideologia são sinônimos, ainda que Barthes não os explicita, com rigor. A nomeação Mito possui a preferência, porque foi priorizada pelo semiólogo, inclusive, na titulação de sua obra, comprometida com a crítica ideológica.

Barthes busca uma dimensão translingüística. É o seu passaporte, para dar conta da Fala, sincretizada como textos do Imaginário, o objeto de sua Semiologia. Recorre à Sociologia, fomentando a sua angulação interdisciplinar.

Em *Mitologias*, a interdisciplinaridade aparece submersa na intertextualidade. Quase duas décadas mais tarde, ela emerge em *Escritores, Intelectuais e Professores e outros Ensaio*s. Todavia, ainda, ressentese de elos convergentes, que possam unir, nas suas distâncias epistemológicas, Durkheim e Marx.

É comum ouvirmos falar o jargão desta e daquela profissão. Tal ilustração observa que cada grupo social tem características específicas, ao lidar com a Linguagem. Tal prática é categorizada por Barthes (1984) como Socioleto, que se subdivide em Enchrático, o comprometido na reprodução da hegemonia da sociedade vigente, e o Acrático, comprometido com uma perspectiva contra-hegemônica. Apresenta um conceito de sociedade diversa da vigente.

2. QUESTÕES METODOLÓGICAS

O presente estudo tem como pressuposto metodológico a DHE, escolhido de acordo com sua pertinência em relação às características do objeto proposto e à fundamentação teórica na qual está alicerçada a pesquisa. Ela repensa a ciência, não só como análise estrutural, no contexto da observação metódica, controlada, mas também como projeto político, no qual o cientista é ator engajado.

Conforme Demo (1985, p.119), a dialética, de um modo geral, é quem se propõe a compreender a realidade histórico-social, compatibilizando os princípios de movimento com a invariância associada ao estruturalismo. Para ele, “a realidade é estruturada no sentido de obedecer a leis de sua constituição e vigência”.

Por isso, interessa a DHE as condições objetivas e subjetivas que compõem a complexidade da realidade histórico-social. A primeira refere-se à estrutura, à circunstância dada, ao palco social e histórico encontrado pelo sujeito. A segunda corresponde à possibilidade de intervenção deste sujeito na realidade.

Para a DHE, o homem, diante da realidade, não apenas lê, decifra, mas interpreta, mesmo que o cenário no qual ele se insere, já posto enquanto estrutura, delimite, de certa forma, essa interpretação subjetiva. Interpretação vista como intervenção.

Nesse sentido, a pesquisa semiológica, apontada por Barthes, e as categorias sobre as quais reflete conseguem delinear as questões estruturais, respeitando sua complexidade, e iluminar as singularidades das relações dialéticas, que deixam as suas marcas no tecido social. Ela possibilita o estudo das relações entre as formas simbólicas, mas também dos sistemas mais amplos dos quais essas formas, constituídas em linguagens, fazem parte, refletindo sobre as relações de poder e os discursos que circulam e são consumidos no espaço social.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

Para compreendermos os sentidos na notícia produzidos pelo Jornal O Nacional, precisamos antes localizá-lo no tempo e no espaço. Trata-se de um veículo, cuja primeira edição foi publicada em 19 de junho de 1925, no município de Passo Fundo.

3.1. Acidade

O município em questão foi emancipado em 1857, no entanto, o território que hoje o constitui já fez parte da Província Jesuítica das Missões Orientais do

Uruguai, cujas ruínas se localizam junto aos rios Ijuí e Ijuizinho, no atual município de Santo Ângelo.

Conforme Rodigheri et al. (2004, p. 77), os índios dos grupos Tupi-Guarani e Jê, com destaque para os Kaigang, foram os primeiros moradores desta região. Só em 1827 e 1828 que chegaram os habitantes brancos, acompanhados da família, dos escravos e de agregados. Eram “homens com espírito aventureiro que partiam da fronteira oeste do território sulino e das Missões à procura de terras devolutas, chegando à região serrana e aproximando-se de Passo Fundo”.

Os autores afirmam ainda que, por isso, a organização econômica, social e política dominante na fase inicial desse povoamento (não oficial) pode ser caracterizada como latifundiária, pastoril, patriarcal-militar e escravocrata. Como era um espaço de riqueza natural, com vantajosa situação geográfica para a criação de gado e plantação de ervais, rapidamente se expandiu. Em pouco tempo constituía um território de mais de 80.000 km² e tinha uma população estimada em 7.586 habitantes.

Contudo, a emancipação do distrito não ocorreu apenas por causa do crescimento populacional e econômico, mas também por razões políticas e administrativas. Na época, Jerônimo Coelho era presidente da Província e criou a Freguesia de Passo Fundo. Rodigheri et al. (2004) contam que, na oportunidade, foram empossadas as lideranças da Câmara Municipal. Nesse sentido, toda a sua estruturação administrativa se deu pelos moldes republicanos, o que explica, como veremos, posteriormente, por que a história da imprensa na cidade está ligada a esses ideais.

Ribas (2004, p. 101) também lembra que foi a construção da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul que acentuou o desenvolvimento econômico do município entre anos de 1898 a 1905, impulsionando o progresso estagnado até 1897, devido às dificuldades de transporte e de comunicação. “A passagem da estrada de ferro e a instalação ferroviária no centro de Passo Fundo mostram que o trem modificou o eixo de expansão urbana, atraindo colonizadores e comerciantes”.

Este episódio, a instalação da estrada de ferro, pode marcar o início do novo século, mas marca uma ruptura significativa na história da cidade, quando a população urbana supera, em números cada vez mais expressivos, a população rural. Uma observação que nos leva para a situação atual do município.

Conforme o censo demográfico realizado em 2000 pelo IBGE - Instituto de Geografia Estatística -, a população passofundense já totaliza 168.440 habitantes, dos quais 95% têm entre zero e 59 anos. Essa população está distribuída em uma área de 759,40 km², mas concentrada, principalmente, na região urbana, mesmo que o município tenha um perfil urbano-agroindustrial.

Essa concentração pode ser a responsável pelo alto índice de desemprego apontado pelos relatórios do

instituto. Mesmo que a cidade tenha muitas empresas de médio porte, nos últimos anos, os diagnósticos econômicos demonstram queda na contratação de mão-de-obra para a indústria local. Por isso, a renda *per capita* média de seus habitantes é de R\$ 405,65. Em contrapartida, 84% da população é alfabetizada.

Parte dessa população, alfabetizada, assalariada ou desempregada, mora no bairro Leonardo Ilha, um dos recortes de nossa análise.

3.2. O bairro

Localizado próximo à Universidade de Passo Fundo, às margens da BR 285, o Bairro Leonardo Ilha é um espaço de constituição pública recente. Até 1997, consistia apenas em um campo de terra dividido em lotes que começava a ser ocupado por uns poucos moradores. Hoje, seis anos depois do início da venda dos terrenos, já conta com aproximadamente três mil habitantes e um movimento comunitário organizado, principalmente, em comparação com os demais bairros do município.

Por conta dessa organização, já tem uma creche e uma biblioteca comunitárias, construídas e mantidas pelos próprios moradores - através de doações e serviços voluntários - sem interferência e/ou ajuda da administração municipal. Ambas as instituições são coordenadas pelo Grupo de Mulheres Unidas Venceremos, um grupo de mobilização social que nasceu e se consolidou à medida que a comunidade foi se instalando no lugar.

A Creche Comunitária Leonardo Ilha foi inaugurada em 1998 e hoje já tem sede própria, atendendo 47 crianças em regime integral (manhã e tarde). Já o Espaço Cultural Jorge Amado, inaugurado em março de 2000, ocupa uma casa residencial alugada e tem 278 pessoas cadastradas, entre adultos e crianças, todos moradores do bairro.

Coordenado por Joselina Garzão, também fundadora do grupo de mulheres, o Espaço Cultural oferece, além do empréstimo de livros - contando hoje com aproximadamente mil exemplares - cursos de costura, crochê, reforço escolar e informática. Os responsáveis pelo atendimento dos leitores são as mulheres do grupo, professores voluntários e um bolsista da Universidade de Passo Fundo.

O espaço localiza-se na rua Dalsídia Gasparoto, principal rua de circulação do bairro, bem próximo à Escola Municipal de Ensino Fundamental Eloir Pinheiro Machado e dos mercados que atendem a população.

Considerando esses dados, podemos conhecer e entender parte da história do município passofundense e, talvez assim, também possamos compreender e relacionar muitos dos sentidos produzidos na notícia. Afinal, esse é o palco estruturado da ação significativa, realidade e a partir da qual e na qual os sujeitos sociais intervêm, deixando suas marcas discursivas.

Outro aspecto importante, a ser observado, é a história do próprio jornal.

3.3. O Nacional: um jornal brasileiro

O Jornalismo, ou pelo menos a evidência de um fazer jornalístico, chegou ao Brasil, carregado pelas ondas do mar, no fim do século XVIII. Mas foi ainda no século XV, precisamente em 1441, com a prensa inventada por Gutenberg, que nasciam os contornos da imprensa propriamente dita. A máquina de tipos móveis por ele patenteada permitia a reprodução em série e em maior quantidade de materiais até então copiados manualmente pelos monges católicos (copistas).

Aparentemente, essa novidade significava a ampliação conseqüente do acesso aos materiais escritos, que até então circulavam somente entre o clero e a nobreza. Mas não foi isso o que aconteceu. Durante muito tempo, os jornais e publicações escritas disponíveis (principalmente na antiga Europa) esbarravam em especificidades do meio - a necessidade de alto poder aquisitivo para compra e o domínio do código escrito para a leitura -, reduzindo, assim, sua distribuição.

Apenas no século XVIII, a grande mídia impressa chegou na Colônia Portuguesa. Sua ausência até então era um sintoma da intransigência cultural, do esmagamento, da destruição e da necessidade de implantar a cultura externa. Aliás, era a suposta soberania dessa cultura que justificava o domínio, a ocupação e, conseqüentemente, a exploração do território brasileiro.

Mas mais do que os impedimentos oficiais, ou seja, a indisposição do governo, foram as condições de colônia que constituíram obstáculo para o surgimento da imprensa. Entre essas condições, podemos citar o escravismo dominante que não possibilitava a cultura e a nova técnica, e a etapa econômica e social que não gerava as exigências financeiras necessárias à sua instalação.

Por isso, nossa caminhada rumo ao jornalismo só começou mesmo quando apareceram pequenas e raras bibliotecas particulares, associadas ao comércio de livros, que entravam na colônia contrabandeados pelos portos. E se consolidou sob proteção oficial, com o advento da Corte de D. João.

Em setembro de 1808, saiu o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Sodré (1999) descreve-o como um pobre papel impresso, preocupado quase que tão somente com o que passava na Europa. Um jornal oficial, feito na imprensa oficial, que não constituía atrativo para o público, pois todo o material de texto era extraído da *Gazeta de Lisboa*.

Depois disso, podemos observar que a Imprensa cresceu mais depressa nos centros em que a atividade era mais intensa e demorou muito para chegar nas províncias que se mantinham politicamente atrasadas. Aliás, segundo Sodré (1999), ela se desenvolveu em estreita ligação com a vida política.

O século se aproximava do fim. A passagem assinalou a transição entre a pequena e a grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as

folhas tipográficas, cederam lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamentos gráficos. “O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. Uma das conseqüências imediatas dessa transição é a redução no número de periódicos” (SODRÉ, 1999, p. 277).

Parece que a história da imprensa em Passo Fundo não foi muito diferente. O primeiro jornal que surgiu na cidade se chamava *Echo da Verdade*, fundado em 1892. Conforme D'Outroira (1925), tratava-se de um órgão do partido republicano, consolidando as idéias defendidas pela administração política do município em vigor. Era uma folha semanal, publicada aos domingos e editada pelo advogado Gervásio Lucas Annes. Contudo, sua circulação durou apenas dois anos, sendo substituída por outro impresso: O “17 de Julho”, também republicano.

D'Outroira (1925, p.2) documenta que a redação do novo periódico e o corpo de colaboradores eram o mesmo do *Echo da Verdade*. O autor lembra que o jornal “teve curta vida, sendo paralisado e extinto em 1983, em conseqüência da revolução federalista que seguiu-se”.

Enquanto os periódicos já mencionados se revezavam na divulgação de idéias políticas, surgem na cidade outros jornais, um pequeno impresso literário, chamado *Violeta* e, depois dele, *O Palco*, que conservava a mesma abordagem.

Ainda segundo o autor, foi em 1900 que surgiu o quinto jornal passofundense, o último antes da chegada de *O Nacional*. O impresso chamava-se O Gaúcho e foi publicado regularmente até 1920. Os motivos que levaram à sua extinção não estão explícitos nos documentos históricos. Entretanto, podemos relacioná-los a uma série de eventos que aconteceram na cidade durante este período. Ribas (2004) destaca que entre esses fatos está a movimentação crescente do comércio em torno da estrada de ferro, que, a essa altura, já cortava o centro da cidade, por uma larga avenida.

Para acomodar o progresso trazido pelo trem, a cidade passou por uma reorganização do espaço geográfico urbano, mas não só dele. Talvez, esse período também aponte para uma transformação do comércio, da administração pública e, significativamente, para uma transformação dos modos de se relacionar da população, com esse lugares e com as instituições que nasciam neles. Por isso podemos acreditar que esse tenha sido um período de articulação para o surgimento do mais antigo jornal, ainda em circulação, do município: O Nacional.

Como mencionamos anteriormente, ele foi fundado em 19 de junho de 1925 por Herculano Annes, Theófilo Guimarães, Americano Araújo Bastos e Hiran Bastos. E, na década de 1940, foi adquirido por Múcio de Castro, jornalista e ex-deputado estadual.

Esse impresso emerge de um contexto onde são evidentes as novas configurações políticas, geográficas e culturais da sociedade passofundense, portanto, sua fala pode estar impregnada por elas. Além disso, o periódico também contava com a herança da experiência vivida pelo fazer jornalístico dos impressos que o antecederam, principalmente, no que se refere às relações políticas às quais estavam submetidos. De modo que sua fala, desde o início, parece ora se opor a tais relações, ora assumi-las sob outra perspectiva.

Podemos acompanhar esse possível antagonismo através de uma leitura de trechos do primeiro editorial publicado pelo jornal:

Todo nosso programa se resume às duas palavras do cabeço: Jornal Independente. Independente é aquele que vive por si e se dirige por seu próprio arbítrio sem sugestões estranhas, independente é quem não se acha preso em liames de partidarismo, é quem não está chumbado aos apelas da fé, nem coagido pelas necessidades da vida, ao amém eterno da subalternidade. Quem quer ser livre deve ser honrado, deve ser justo, deve se pôr acima de pequeninos interesses que pululam no seio das coletividades em formação, mas também ser enérgico e irredutível no culto da verdade (O NACIONAL, 1925, p.01).

Se por um lado, observamos que o jornal busca se desvincular da política e da religião sob o signo da independência, por outro, lembramos que, revestido por esse discurso, mesmo que o jornal não esteja vinculado ao partidarismo, estará submetido a outro pré-conceito: o da própria liberdade e independência. Isso porque, na medida em que assumimos determinada fala, negamos a que está em evidência. Reconhecemos a sua existência e nos associamos a outros discursos, o que significa submeter-se a outras regras e a outro contexto no qual a nova fala está imersa (o translingüístico). A fala traz consigo uma bagagem conceitual revelando o pensamento e expressando uma série de relações sociais com as quais, conseqüentemente, estaremos envolvidos.

Além disso, essa postura discursiva assumida pelo corpo editorial não se verifica ao longo das primeiras 20 edições e se torna mais contraditória, na mesma velocidade em que cresce o número de leitores. Se no princípio a fala tida como jornalística disfarça as simpatias político-partidárias, logo podemos observá-las nos editoriais, publicados nas páginas do jornal, mas endereçados diretamente ao prefeito e ao governador. Como exemplo, podemos citar o projeto Estrada Ferroviária Dois Irmãos - Nonoay. Trata-se de uma série de artigos pedindo a ampliação das malhas ferroviárias na região.

Nesse sentido, também podemos perceber o grande número de artigos, em sua maioria opinativos, que reclamam ou compartilham com a comunidade as negociações e investimentos econômicos. A partir dessas observações, podemos acreditar que, falando em liberdade e independência, o periódico vincula-se à promoção do capital.

Em 2005, o jornal O Nacional completou 80 anos de atividades e sua orientação editorial parece não ter sofrido grandes transformações. De acordo com Castro (2005), proprietário do jornal, hoje seus objetivos editoriais são: registrar a história, fomentar a intelectualidade e produzir materiais literários. Por isso, a empresa procura manter um vínculo permanente com a comunidade, não apenas divulgando fatos, mas assumindo bandeiras e engajando-se nas lutas da sociedade. Uma afirmação evidenciada pelos extensos editoriais freqüentemente publicados pelo jornal.

4. A ANÁLISE

Assim, parece que o palco onde circulam os sentidos produzidos sobre e pela comunidade de moradores do bairro Leonardo Ilha foi configurado. Através de uma rápida revisão bibliográfica, procuramos apontar para alguns dos muitos elementos contextuais que desenham a realidade histórico-social do município de Passo Fundo e também do Jornal O Nacional. São esses elementos que nos possibilitam realizar determinadas leituras sobre os sentidos construídos e compreender parte daquilo que transcende os significados aparentemente denotados.

Para isso, propusemos um estudo Semiológico que, neste artigo, corresponde à análise de uma notícia sobre a comunidade moradora do bairro. Essa análise será intermediada por cinco categorias barthesianas: Discurso (Pirâmides Normal, Invertida e Mista e Estereótipo); Fotografia (*Studium* e *Punctum*); Mito; Poder e Socioleto (Encrático e Acrático).

O texto jornalístico referido foi publicado no dia 19 de dezembro de 2003, na página 16 do Jornal O Nacional, sob o título “Jovens da CDL levam doces e alegria às crianças do Leonardo Ilha” (em anexo). A notícia está no topo da página, à esquerda da folha, distribuída em três colunas e é ilustrada por uma fotografia. A imagem aparece logo abaixo da manchete e tem a mesma proporção do texto escrito, ocupando assim igual espaço, ou seja, três colunas. De um modo geral, a informação jornalística é apresentada da seguinte forma, de cima para baixo: título, foto, texto escrito.

O assunto em pauta é a doação de cestas de Natal que os integrantes da Câmara de Dirigentes Lojistas de Passo Fundo fizeram para as crianças da Creche comunitária Leonardo Ilha. O relato acontece, em grande parte do texto, na terceira pessoa, mas sofre

duas rupturas. A primeira quando traz o depoimento, entre aspas, da coordenadora da creche, agradecendo a doação e divulgando a ajuda contínua desse grupo junto a entidade; e a segunda, quando resgata, de modo não literal, a fala do presidente da CDL jovem, que explica como a Câmara se organizou para fazer as doações.

A notícia ainda traz outros temas abordados de modo sintético. Entre eles, o funcionamento da creche, sobre a própria CDL e quem são seus integrantes jovens, sobre o espírito de Natal, sobre a importância das doações e aponta quem participou do evento.

Já a fotografia, cuja dimensão, na diagramação do jornal, equivale à do texto verbal, tem o enquadramento de um plano geral. Ela mostra, em destaque, os alunos em frente a creche, segurando as cestas de doces com as mãos levantadas para cima e, ao fundo, as mulheres que trabalham na entidade, segurando alunos e cestas no colo, a figura do Papai Noel, apontando com o dedo indicador em direção à máquina fotográfica e os integrantes da CDL jovem, um com a mão sobre o ombro de uma criança e os demais com as mãos para trás do próprio corpo. Nem todos olham em direção ao fotógrafo. Muitas crianças olham em direção à rua ou aos colegas.

A imagem é em preto e branco, com destaque para os tons de cinza escuro, evidenciando pouca luminosidade. As crianças, em maior número, dispersam-se por toda a extensão da foto, encobrendo algumas das referências do cenário, como bancos, calçada, porta de entrada e janelas. Além disso, por se tratar de um plano geral, a figura humana aparece proporcionalmente distante do primeiríssimo plano da imagem, dificultando a identificação das personagens apresentadas.

Dito isso, obtemos uma rápida descrição da notícia publicada. Ela é necessária na medida em que aponta para alguns aspectos significativos que permitem estabelecer relações entre o texto anunciado e as categorias propostas. Barthes também comenta que a finalidade da descrição é gerar um conjunto de dados que simplifiquem o texto apresentado para leitura e permitam pensarmos nas ligações e rupturas implicadas em sua fala, assim como em alguns dos porquês.

Nesse sentido, resgatamos a categoria Discurso e sua particularização na notícia em questão. Conforme Barthes, o Discurso refere-se à capacidade de dizer alguma coisa sobre algo combinando signos. É através da produção e leitura de discursos que o homem se reconhece como sujeito social e compreende seu papel como sujeito histórico diante da realidade que o cerca. Entretanto, isso implica uma relação dinâmica entre código e contexto, uma vez que os códigos tendem a se manter, enquanto a fala tende a transformar-se ao longo das cenas nas quais seus agentes se encontram imersos.

A notícia jornalística é uma configuração discursiva. Aliás, segundo Genro Filho (1988, p.186), discurso este que se caracteriza por um modo peculiar de “perceber e produzir seus fatos”. Nesse sentido, a estrutura mais recorrente é a pirâmide, forma através da qual apresentamos as informações relevantes de um evento e que pode variar de acordo com a ordem e a importância dos acontecimentos. No entanto, identificar uma estrutura desta dimensão implica considerar, como o próprio autor propõe, o fato de que uma notícia jornalística só se constitui a partir de um recorte da realidade, que é por onde começamos a nossa análise.

Depois de uma primeira leitura, observamos que o texto publicado no O Nacional se organiza em torno de quatro temas centrais: a importância das doações, a ação envolvendo a CDL Jovem, o “espírito natalino” e a Creche Leonardo Ilha. Contudo, para além desses enfoques, há a escolha de uma perspectiva sobre eles, de um recorte, que nos leva a apenas um tema central e reduz a complexidade do fato a um único olhar: a doação realizada pela CDL Jovem. Ora, uma vez que descobrimos escolhas configuradas, nos afastamos cada vez mais de questões como objetividade e imparcialidade à tanto defendidas e que aparecem na rasteira do suposto papel atribuído ao jornalismo na sociedade. Como ser objetivo enquanto selecionamos pedaços de um todo coerente?

Procurando entender essas questões, Genro Filho (1988, p.186) alerta para a ideia de que, embora o material do qual os fatos são constituídos seja objetivo, pois “existem independentemente do sujeito”, a abordagem que damos a eles é subjetiva e depende do que cada um significa para o “escolhedor”. Essas significações estão implicadas com os pré-conceitos carregados pelo jornalista, com o ambiente social em que se constituem e com as ideias de mundo envolvidas na leitura e na produção de sentidos desse profissional. Referem-se ao que Barthes chamaria de translingüístico. Ou seja, na medida em que percebemos o mundo, o traduzimos em linguagem através de um código comum, mas, sobretudo, a partir de um momento histórico e contextual que impregna a visão que temos da realidade.

Assim, independentemente da abordagem que a notícia apresenta, não podemos esconder o fato de que a Creche Leonardo Ilha recebeu uma doação da CDL Jovem, mas podemos interpretar e construir uma série de sentidos variando a fala a partir de diferentes perspectivas: uma em que a creche precisava muito dessa doação; outra em que a Câmara dos Dirigentes Lojistas sempre repete essa ação ao longo do ano; e mais ainda, contemplar o fato de que, no período natalino, esse tipo de ação é mais recorrente.

A essência motriz do fato é material, portanto objetiva, mas o olhar que lançamos sobre ela é particular, portanto subjetivo. Para Genro Filho (1988),

em certa medida, assumir essa subjetividade não compromete a compreensão da substância histórica, socialmente constituída, da realidade, mas negá-la escamoteia uma Ideologia, cuja função, para o autor, é de reproduzir e confirmar as relações capitalistas, tolhidas de qualquer visão crítica da realidade.

A perspectiva acima apresentada é reforçada pela forma como as informações estão estruturadas ao longo do texto noticioso escolhido, ou seja, em forma de Pirâmide Invertida. Genro Filho lembra que a estrutura dessa Pirâmide, como é frequentemente utilizada na prática jornalística, reforça a condição da notícia como reprodutora de uma realidade pré-concebida e a idéia mítica de imparcialidade, a começar pelo lugar destinado ao *lead* dentro do texto. Considerado o passo inicial desse tipo de estrutura, ele “leva a maioria dos redatores a pensar que se deve sempre responder monótona e mecanicamente as famosas seis perguntas no primeiro parágrafo - do que realmente pela apreensão singularizada do fato, na qual o lead seria apenas a expressão mais aguda e sintética” (GENRO FILHO, 1988, p.191).

Considerando essas questões, voltemos ao texto analisado: “Integrantes da CDL Jovem, acompanhados do Papai Noel, fizeram uma visita surpresa e uma festa para as crianças atendidas pela Creche Comunitária do Leonardo Ilha”. Aqui os fatos são apresentados por ordem de importância segundo a leitura de quem produziu o discurso. O sujeito, traduzido pela pergunta “quem?” não é a comunidade, mas os integrantes da instituição doadora, conseqüentemente, o “o que?” é a ação planejada e executada por esse sujeito e não a singularidade da própria creche que é Comunitária, construída e mantida pela própria comunidade, mesmo que o “sujeito do texto” não faça doações.

Para Genro Filho, o singular é o elemento chave na produção de um discurso jornalístico. Ele afirma que a notícia, diferente do caso analisado, não deve caminhar do fato mais importante ao menos relevante, mas da singularidade do fato para a particularidade que o contextualiza. É essa relação que vai garantir ao texto um grau mínimo de objetividade, para que a notícia, apesar de ser um recorte, se realize como forma de conhecimento de mundo.

Partindo dessa reflexão, é pertinente resgatar um trecho editorial publicado no jornal O Nacional, ainda na primeira edição (1925): “não reconheceremos anonimato, nem parcialidade”, e associá-la a trechos da notícia analisada: “integrantes da CDL Jovem, acompanhados do papai Noel fizeram uma visita surpresa”, “Joselina Garzão agradeceu aos jovens da CDL”, “a CDL Jovem nos auxiliou durante todo o ano”, “O presidente da CDL Jovem relatou que, mensalmente, é feita uma arrecadação”. Tamanha ênfase dispensada a ação da CDL permite uma leitura em que, escondido sob o signo da imparcialidade, o jornal reforça uma modalidade do conhecimento, historicamente ligada ao desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente, comprometida com

ele, portanto, produz uma fala distorcida que nega a multiplicidade do signo, o reduz a um único sentido e se reproduz como natural. Essa constatação aponta para a subcategoria Estereótipo.

Segundo Barthes (1984), ela é constituída por uma necrose da linguagem: parece uma idéia próxima da verdade, mas pode ser apenas um discurso deformado e grave. O Estereótipo é o resultado da imposição de determinada ideologia, que se caracteriza pela palavra repetida, cristalizando certo sentido como único. Nesse sentido, o autor acredita que, no mundo moderno, a mídia é a grande responsável por naturalizar e eternizar uma forma de fala.

No discurso apresentado pela notícia, a combinação dos signos não é aleatória, estrutura-se a partir da intenção revelada pelo redator. Entretanto, como sujeito histórico, seu discurso está impregnado pelos vícios dos múltiplos discursos que formam sua bagagem cultural e constituem a realidade, como os Estereótipos. Assim, se observarmos quem o texto privilegia como sujeito da frase ou mesmo da ação, reconheceremos uma imagem estereotipada da carência, do personagem vítima que sofre a ação. Há uma relação de verticalidade e dependência entre a sociedade e o grupo de moradores do bairro. Entre outros trechos, podemos citar: “As atividades (da creche) são desenvolvidas graças as doações das pessoas, empresas e entidades”, ou ainda, “a CDL Jovem nos auxiliou durante todo o ano com doações, esperemos poder continuar contando com esse apoio em 2004”.

O texto aponta para uma idéia naturalizada de carência em que mulheres e crianças aparecem privados de sua identidade e do próprio sentimento de pertença, na medida em que a posição de sujeito da transformação lhes é negada. Foram pasteurizados como paisagem pelo discurso: a eles cabe o papel do “carente”, aos outros, o papel de “ajuda”, de assistência social. Esses mesmos sentidos são reconstruídos pela imagem fotográfica que ilustra a notícia.

A Fotografia, para Barthes (1984), é caracterizada como objeto de três práticas: o fazer, o suportar e o olhar. A função de cada uma delas pode ser compreendida a partir do momento em que os sujeitos envolvidos no ato de fotografar são delineados: do operador, que efetua saltos, recordando ou apreendendo porções do real, o alvo representado iconograficamente na imagem, ao espectador, que observa o encontro entre os dois anteriores, num momento único e irremediável.

Toda fotografia representa algo, que Barthes(1984) chama de referente. O referente sempre está presente na imagem, através de um traço estético que o reproduz, atingido por uma imobilidade. Depois do registro, o alvo, como referente, já não existe mais no espaço/tempo fora da imagem fotográfica. Quando o fotógrafo contata esse referente, no ato do registro,

ele faz uma escolha, que nem sempre é possível de ser identificada em outro momento. O operador olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que quer desvelar. Num mesmo gesto, escolhe o que não quer captar, ou o que quer deixar à margem da cena, assim como os recortes da notícia.

Nesse sentido, apontamos para as figuras em destaque na cena retratada. Se no texto verbal o sujeito da frase é a CDL, na imagem fotográfica são os alunos da creche e suas professoras que recebem destaque, mas isso acontece, possivelmente, porque sua condição é de personagem dramático e serve para amparar a lógica discursiva construída ao longo da notícia. Apesar de o sujeito mencionado (a comunidade) não ser o sujeito da fala (a CDL), ele é o protagonista escamoteado da ação, revelado antes pelo enquadramento do referente registrado do que pelo fato apresentado pela fala escrita.

Por outro lado, a imagem retratada poderia ser vista como um flagrante de negação do sujeito, uma vez que a disposição dos elementos em cena também serve para chamar a atenção de um possível público para determinada realidade. Referendá-la em num registro significa depositar sobre a cena um olhar aguçado identificando sua importância no trânsito da cotidianidade.

Outro elemento que ganha destaque nas reflexões barthesianas sobre a categoria Fotografia é a postura do próprio referente diante da câmera. Barthes (1984) diz que somos camaleões e nos revestimos de um outro eu quando nos percebemos fotografados. Essa perspectiva transparece ao percebermos que alguns dos personagens estão olhando diretamente para o fotógrafo (ou seria para o leitor?), entre eles as crianças que erguem as mãos com os presentes indicando ao desavisado que os ganharam, o papai Noel que aponta para o leitor assumindo a autoria da ação, os representantes da instituição que depositam as mãos sobre os ombros das crianças, talvez procurando reproduzir fisicamente o elo que estabeleceram através das doações.

A foto aparece então como um texto produzido, tanto pelo fotógrafo como pelo próprio referente que nos interpela. Como espectadores, somos atingidos por essa exigência através do Studium e do Punctum, subcategorias barthesianas. Conforme Barthes, o *studium* refere-se ao caráter, a um interesse sensato que o discurso possa ter. No caso dessa fotografia, poderíamos dizer que esta subcategoria está relacionada à construção da imagem da própria comunidade, em particular, e à propagação da idéia de abandono e carência, em geral, ligando-a com muitas outras, situadas no mesmo palco social com as quais dividimos nosso espaço. Compreender essa imagem significaria reconhecer o outro, mas esse reconhecimento aparece quase como uma obrigação social. A palavra obrigação parece-nos pertinente porque não há emoção provocada pela presença das crianças empunhando as cestas, ou do bom velhinho

que traz presentes no Natal. Esta é quase uma imagem comum, especialmente neste período do ano, quando as “boas ações” se proliferam retratadas pela mídia.

No entanto, contrariando o interesse sensato, há na Fotografia algo que pica o leitor e o acorda para sua existência. Para nós, nesse caso, trata-se da postura adotada pelo homem fantasiado de Papai Noel. Isso porque essa não é uma postura tradicional da imagem estereotipada que carregamos do Papai Noel. Ele não está entre as crianças, não é a figura central da imagem. Não carrega um saco de presentes vermelho, mas chama a responsabilidade e assume a autoria da ação, com o dedo que aponta, como quem nos diz “olhem”, “olhe”, “eis aqui”; ela aponta com o dedo um certo vis-a-vis e não pode sair dessa pura linguagem dêictica” (BARTHES, 1984, p. 14). O espaço ocupado pela imagem dessa personagem dentro da fotografia repentinamente se amplia para um golpe só expressar o lead do discurso: “veja o que fizemos”. A esse detalhe que punge, Barthes chama de *punctum*.

Essa “picada” nos remete a outra categoria de análise, o Poder. Barthes tem uma perspectiva social da linguagem e vê nela a expressão das relações sociais às quais estamos submetidos. É através dos textos e dos sentidos neles produzidos que estabelecemos e sustentamos as relações de poder. Por isso, o discurso pode ser o lugar de inclusão ou encerramento dos sujeitos sociais. A postura do Papai Noel, na fotografia, por exemplo, conota essa relação. Ele é a autoridade. Já no texto escrito há uma série de elementos utilizados que revelam como o poder institucional do capital se traduz em linguagem: “Integrantes da CDL fizeram”, “Joselina agradeceu a CDL”, “A CDL Jovem nos auxiliou”, “O presidente da CDL relatou”. É a instituição quem tem o poder e quer alimentá-lo, por isso é ela quem faz, quem relata, precisam de seu apoio e logo de seu consentimento.

Considerando esse aspecto, na medida em que o leitor se apropria do texto e propõe interpretações múltiplas sobre ele, tem de utilizar seus códigos e respeitar sua estrutura, o que também significa submeter-se a suas regras. Por isso, dizemos que a língua é responsável pela manutenção do Poder, repetindo a linguagem, até o momento em que os sentidos das palavras nos parecem naturais. Sob este aspecto, podemos estabelecer ainda novas relações, desta vez com a categoria Mito, também de Barthes, pois é a repetição incansável e naturalizada de um discurso que o deforma.

Identificado através do discurso, o Mito também é uma espécie de fala, mas de acordo com Barthes, não é uma fala qualquer. Sua distinção no texto está caracterizada pelo modo com que apresenta determinada idéia. Trata-se de uma fala historicamente contextualizada, definida por sua intenção. Trabalha com imagens pobres e incompletas, ignorando sua complexidade, em que o sentido está diminuído, simplificado. Sua função é deformar o sentido dos signos.

Barthes apresenta sete tipos de mito que podem ser identificados em um discurso, dentre os quais podemos destacar neste caso o Mito da Constatação, que apresenta formas de fala apoiadas em bordões, slogans e clichês e Mito da Vacina, que se caracteriza pela exposição de um problema menor para escamotear um problema essencial.

Se por um lado disfarçados de natural, pois costumeiramente aparecem em imagens veiculadas pela mídia, a deformação do signo incorporou-se espontaneamente no discurso da notícia. A primeira impressão que temos ao lançar um olhar pouco aguçado à imagem é que se trata de uma comunidade carente beneficiada por seus tutores, pois os significados dos elementos trazidos por essa fala já estão historicamente cristalizados. Por outro, transcendendo o aparente, percebemos que os elementos utilizados para evidenciar a doação, onde talvez possamos ler “a boa ação”, como, por exemplo, as crianças segurando como troféu a cesta presenteada, os verbos de ação do sujeito fazem, relatam, auxiliam a disposição das personagens dramáticas na cena fotografada, também podem desvelar a surdez diante da fala da comunidade, que quase não tem espaço no texto escrito, da ausência de ações transformadoras. Ora, se a ação da instituição CDL é contínua e dura mais de um ano, por que a comunidade ainda é apresentada como vítima?

E por fim, mas também coerente com as reflexões construídas a partir das demais categorias, chegamos ao Socioleto. Conforme Barthes (1984), esta categoria está estruturada a partir de uma forma particular de fala dos diferentes grupos que compõem o cenário social, através da qual se identificam e se comunicam. O jornalismo, como disse Genro Filho (1988), também tem uma linguagem peculiar de ler a realidade e falar sobre ela. Uma particularidade que foi construída em um contexto cultural com o qual esses profissionais estão ou estiveram envolvidos. Apropriar-se dessa linguagem significa nos comprometer com suas regras, mas, ao mesmo tempo, reconhecer que nossa ação pode afirmá-las ou negá-las.

Diante disso, talvez sejam os recortes, as escolhas, a principal ferramenta de transformação das idéias pré-concebidas que acompanham o discurso. Negando ou reconhecendo as características discursivas peculiares do grupo, como a subjetividade, a objetividade e a imparcialidade, fazemos escolhas. Cada uma dessas escolhas estabelece a possibilidade de um novo olhar sobre a realidade. Assim temos dois tipos de discursos: o Encrático, que se anuncia e desenvolve sobre as relações de poder, alimentando-as; e o Acrático, que se forma fora ou contra o poder já constituído.

Observando a notícia analisada, descobrimos elementos próprios da linguagem jornalística, como aqueles apontados por Genro Filho (1988): a preservação da idéia mítica de imparcialidade e objetividade, o apoio ao desenvolvimento capitalista, a

substância histórica do fato, a Pirâmide Invertida, como tradicionalmente é apresentada, e a negligência com a singularidade do fato. A presença desses elementos reforça a perspectiva de que essa fala, em especial, chancela o poder vigente.

Entretanto, a reflexão aqui proposta é apenas o início de uma caminhada no sentido de pensar acerca da produção de sentido no e sobre o cotidiano dos moradores do bairro Leonardo Ilha, em níveis verbal e não-verbal. Outros caminhos possíveis dependem agora da apropriação das reflexões de Barthes e da dinâmica pertinente à Dialética Histórica-estrutural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios*. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

_____. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984a.

_____. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984b.

_____. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Como viver junto*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTRO, Múcio. *Entrevista com o proprietário do jornal O Nacional*. Passo Fundo, 2005. Entrevistador: Bibiana de Paula Friderichs.

DEMO, P. *Metodologia científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.

D'OUTRORA, J. A imprensa em Passo Fundo. *Jornal O Nacional*. Quarta-feira, dia 15 de julho de 1925. Nº 08. Pág. 02. Impresso por Livraria Nacional, 1925.

EDITORIAL. *Jornal O Nacional*. Sexta-feira, 19 de junho de 1925. Impresso por Livraria Nacional, 1925.

GENRO FILHO. *O segredo da pirâmide*. Brasília: Ortiz, 1988.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Censo 2000. Disponível online. Capturado em 15 de novembro de 2005. Acessível em: www.ibge.gov.br.

RIBAS, D. A evolução urbana da avenida Sete de Setembro: uma contribuição para a organização do espaço passofundense. In: SILVA e outros. *Estudos de geografia regional*. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

RODIGHERI, M et al. As transformações espaciais do território do município de Passo Fundo 1857-1992. In: SILVA e outros. *Estudos de geografia regional*. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

16 Geral

Jovens da CDL levam doces e alegria às crianças do Leonardo Ilha



Integrantes da CDL Jovem, acompanhados do Papai Noel, fizeram uma visita surpresa e uma festa para as crianças atendidas pela Creche Comunitária do Leonardo Ilha. A creche é mantida por um grupo de mulheres da comunidade e atende 55 crianças de zero a seis anos. As atividades são desenvolvidas graças as doações de pessoas, empresas e entidades.

As crianças ganharam doces do Papai Noel e aproveitaram para fazer muitos pedidos. Já a coordenadora da creche, Jo-

selina Garzão dos Santos, agradeceu aos jovens da CDL, em nome das crianças e das voluntárias que lá trabalham. Disse que durante os últimos meses era grande a expectativa das crianças com a chegada do natal, não só pelos presentes, mas pelo espírito de solidariedade e confraternização desta época do ano. "A CDL Jovem nos auxiliou durante todo ano, com doações, esperamos poder continuar contando com este apoio em 2004", disse Joselina.

O presidente da CDL Jovem, Mateus Pittol, relatou que, mensalmente, é feita uma arrecadação de recursos junto aos integrantes da entidade e com eles são comprados produtos de higiene e limpeza, mais tarde doados à creche do Loteamento Leonardo Ilha.

Da entrega de doces às crianças participaram, além do presidente, os jovens Carina Sobiesiack e Fernando De Carli, também integrantes da diretoria da CDL Jovem de Passo Fundo.

O NACIONAL

Passo Fundo, sexta-feira, 19 de dezembro de 2003